

Para novas vitórias, irmanaram-se, sob a mesma divisa e mesmos ideais, estudantes de associações culturais da capital, fundando o Centro de Intercâmbio Cultural.

REDATOR CHEFE

NORMANDO CAMARGO DA SILVA

O IDEALISTA

ORGÃO OFICIAL DO GRÊMIO CULTURAL "PROF. ANTONIETA DE BARROS"
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS

REDADORES:

PIRAGUAI ROSA

ARNALDO CARDOSO

RENATO WENDHAUSEN

ANO II

Florianópolis — Maio e Junho de 1946

N. 8

Falando aos moços

Antonieta de Barros

Há, na vida das criaturas, um caminho reto que as leva ao progresso, pondo-lhes em relêvo a dignidade.

Este caminho não é sempre de flores, nem de sombras, porque é de ascensão. E as escaladas são, quase sempre, custosas.

No entanto, por êle, o homem realiza-se, aprende a viver, verticalmente, e conhece o valor real das cousas que conquista, porque, em tôdas, há o suor do próprio rosto.

Este caminho é o que o trabalho ilumina, o que o trabalho rasga, o que o trabalho alicerça e constroi.

Não o trabalho sob pressão, não o trabalho do escravo, não o trabalho que se apresenta como uma maldição, mas o trabalho consciente, mas o trabalho livre, mas o trabalho que surge, como um imperativo da nossa condição de humanos, para nos encher de nobreza e majestade a trajetória.

E que só o trabalho dá ao homem, a possibilidade e o direito de viver a vida, sentindo-se criatura digna de vivê-la.

Não se compreende a existência, dentro do prisma da inatividade e da improdutividade.

Daí, todo aquele que não cumpre o imperativo genesiaco do comerás do suor do teu rosto, ser menos do que as cousas, porque lhe falta o princípio de ação, para que foi criado.

Assim, embora se diversifiquem as estradas, irmanam-se pelo trabalho, todos os que realizam um esforço, para a conquista do Bem, todos os que, conscientemente, praticam uma ação, que vise a felicidade do próximo.

O trabalho é fartura, é bênção, é alegria, é oração!

É o homem a eternizar-se, anonimamente, no Bem, no Conforto, nas migalhas de Felicidade, que conseguiu reunir, contribuindo, para embelezar o próprio caminho e o caminho da coletividade.

Só êle desvenda para cada um de nós, o encanto dos horizontes azuis da independência moral e econômica.

Por êle, concretizam-se os sonhos mais alevantados e dão-se à vida o esplendor e a poesia de que precisa, para ser plenamente vivida.

Há um delicado e harmonioso poema de ternura que identifica e unifica o gesto do que semeia; do que maneja as ferramentas; do que movimenta e dirige as máquinas; do que empunha o livro; do que dirige o lar; do que vigia e guarda a integridade do solo e defende a vida da Pátria, na pureza das tradições e no respeito às leis; do que procura roubar ao homem o amargor do sofrimento; do que fixa um pensamento de arte; e na bondade do que ensina a ver Deus, no seu semelhante.

Este poema vivido, cada dia, com o mesmo entusiasmo, com a mesma emoção, com a mesma consciência, não desmerece, nunca, na sua extraordinária beleza de simplicidade, nem no seu infinito valor, porque, por êle, mais se firma, e eleva, e sublima a força moral, que é a nossa própria dignidade, e que nos permite viver de pé, agir de pé, e, ainda, cair de pé!...

A dignidade do indivíduo é a dignidade da Família. E, sendo a Pátria a Família amplificada, no dizer feliz de Rui, façamos das nossas caminhadas, uma dignidade em ascensão, trabalhando, e realizando, e construindo, e aperfeiçoando, em cada momento, a Pátria, com que a bondade do Senhor nos presenteou.

E orgulhosos da tarefa com que o destino nos premiou, dando-nos, para berço o nosso extraordinário Brasil, trabalhemos, com carinho, devotadamente, no sentido de dar à Pátria Brasileira, maior grandeza e eternidade esplendorosa!

E, agora e sempre, cérebro e coração, pensamento e ação, coesos, unos, indivisíveis, com Deus, para o Brasil e pelo Brasil!

NA ESTRADA DA VIDA

Antônio Sousa

A estrada é comprida, muito comprida, e largamente espaçosa. Suas margens, ora enfeitadas por jardins tão lindos, floridos, acenadamente aromatizados, apresentam, por vezes, aspecto estéril. Faltam-lhes árvore que dê sombra, flôr que dê perfume. Terreno arenoso, chão empoeirado, cheio de buracos de quando em quando, é, alternadamente, o caminho, a estrada que conduz à glória ou ao esquecimento que aponta a morte. O céu pode ser claro, de azul claro e belo ou nublado, de cor triste e enfadonha sol ou chuva, não importa. Sucedem-se, sempre, no cobrir a estrada. Do norte e do sul, do leste e do oeste, pode soprar, forte ou fraco, brisa ou furacão, o vento da felicidade ou da desgraça.

A estrada é comprida. Aqui, uma vertente, mais adiante um penhasco, uma rocha imensa, que desafia o valente; um precipício ao lado; água que desce sobre um rochedo perto, clara e pura saindo das entranhas da terra. Atravessa uma garganta, para, depois, abrir-se para uma cidade de beleza ou realidade. E, assim acidentada, serpenteia a estrada, da vida. Bela ou feia, pode achá-la o viajor. Pousos, vilas, cidade se sucedem, aprazíveis ou monótonas.

Quantos milhões de indivíduos, homens e mulheres, crianças e velhos, sem exceção de um apenas, palmilham-na. Uns vão apressados; enquanto outros, mantendo firme a calma, marcham, compassadamente, não desprezando o ritmo. E quantos outros se detêm sentados ou deitados à beira do caminho!... Jogam o fardo por terra, e ali ficam. São infelizes. Não alcançaram um pouso. Perderam as forças.

Examinemos melhor.

— Que faz aquela gente ali, reunida em círculo? Espiemos.

Ah! já sabemos. Foi um viajante que tombou, e, logo no princípio da viagem. E não se levanta mais? Não se move. Não se move. Mal iniciou e já desapareceu. Uns choram, afetados pela dor causada pela morte do pequeno. Outros os consolam: — Foi feliz; não sofre mais. É o fim da vida.

Mas outros, nas mesmas condições que êle, continuam marchando, vivendo, fortalecendo-se ou desesperando-se. São crianças ainda. Autos falantes estão instalados por todos os pontos da estrada. Advertem os perigos. Transmitem instruções. Uns ouvem o que se diz; outros, em algazarra desmedida, fecham os ouvidos, e confiam-se, tão somente, na visão. E continuam aos empurrões.

Olhemos mais adiante, depois daquela curva. Ali, uns pisam com mais segurança, levam quedas outros. Sofrem acidentes ou passam ilesos. Um grupo de rapazes ri abertamente. Param. Mais

Dia da Vitória

Nadir Silveira

Em 1944, o Brasil, tendo declarado guerra contra o eixo, devia preparar-se para cooperar com os americanos e todos o nome do Brasil, devia ser também um material humano. Os aliados. E esta cooperação, para melhor elevar e honrar. De cada estado, era convocado um número elevado de reservistas, para formar um regimento e estar pronto, logo que as ordens fossem dadas.

Aqui, em Florianópolis, foi convocado um bom número que devia partir, no mês de maio do mesmo ano.

Na véspera de sua partida nós, estudantes, e o povo em geral, nos reunimos, na Praça Getúlio Vargas, onde houve uma grande concentração, para prestarmos uma homenagem aos nossos bravos pracinhas que iriam, lá fora, nos campos italianos, enfrentar os nazistas, destruidores da felicidade do mundo, somente por causa do egoísmo.

Sabemos que não era uma festa que irradiava alegria e mas, sentiamo-nos orgulhosos, porque tínhamos a certeza absoluta de que eles iriam mostrar seu patriotismo e, se possível fosse, dar a vida pela Pátria, para alcançar um ideal: a paz.

Chegou, finalmente, o dia 8 de maio e eles deviam partir. Quantas esposas, filhos e mães lamentavam a partida de seus entes queridos.

Mas, quantas vezes, pensavam consigo mesmos: Eles vão lutar por um Brasil, onde o povo possa viver feliz.

A viagem ocorreu sem novidade. Passaram dias e dias, para chegarem ao Rio e de lá após alguns tempos, partiram para a Itália.

Chegando à Itália, não demoraram muito, para entrar em combates.

Logo, formaram seus batalhões e foram para linha de frente. Muitas foram as batalhas em que se empenharam, porém, nunca, recuaram.

Quanto sangue derramado!

Mesmo assim, souberam mostrar seu patriotismo.

Em várias batalhas, foram vitoriosos. Uma das mais célebres é a tomada de Monte Castelo, onde, os brasileiros foram cobertos de glória, mostrando mesmo de verdade, que lutavam por um ideal: o retorno ao mundo da paz que foi perturbada pelos nazistas.

Continuam os combates e eles continuam enfrentando os adversários.

Chega o mês de maio e com êle chega o dia tão esperado por todos nós: o dia da Vitória no dia 8 de maio, justamente, quando fazia um ano que eles deixaram seus lares.

Foi um dia de alegria para todo o povo brasileiro!

Mas, também, quantos lares ficaram enlutados! Quantas esposas e filhos lamentavam a falta de seus entes queridos!

Não os chotemos! Esses que deram à sua vida, para alcançar um ideal, jamais serão esquecidos.

Hão de continuar sua memória entre nós, pois, a eles devemos o grande dia da Vitória, que, trouxe a todos os povos da terra, a felicidade e, com eles, o regresso dos nossos pracinhas que heróicamente souberam honrar o nome do Brasil.

adiante existe um pouso. Eles se dirigem para lá. Entram. Existe alegria e confusão. É uma casa de diversões. Nos folguedões, tomam parte, e esquecem-se de que a estrada pode ser longa para eles, e que outros, muitos outros, passam, sem para lá volver um olhar sequer.

Mas, falemos com aquele rapaz que não se deteve.

— Escuta, rapaz?! Não paras para olhar o divertimento?

— Não! prossigo; a jornada pode ser longa, e o tempo é precioso. É imprudente parar.

Acompanhem-lo na jornada.

Muita gente. É preciso ter cuidado para não se abalroar em ninguém. Poderá causar aborrecimen-

tos. Há um sinal adiante. Que dirá? "Cuidado!". Sim, é uma ponte estreita. E é preciso muita atenção para não cair, porque os que a atravessam, se apertam. Passamos. Auto-falantes continuam advertindo. O rapaz que estamos acompanhando, prossegue admiravelmente. Cresceu em estatura e experiência. É moço. Não se incomoda com o que está à sua direita ou à sua esquerda. Para somente, para escutar os avisos, e saber o que advertem os sinais. Já percorremos um bom pedaço da estrada. Os viajantes, moços, prosseguem, decididos ou indecisos. Uns caem, quebrando, por vezes, uma das pernas que o deviam

(Conclue na 2a. página)

ATIVIDADES DO G. C. P. A. B.

O G. C. P. A. B., com seus diretores sempre entusiasmados, vem mantendo uma linha de constantes, aproveitáveis e apreciáveis reuniões, durante as quais, são levados numerosos musicais, cantos, declamações e dissertações sobre diversos assuntos.

Assim e que, a 27 de abril, por iniciativa do vice-presidente, se reuniram, no salão nobre do I. E. F., todos os associados que, com entusiasmo, tiveram oportunidade de ouvir diversos números musicais, dentre os quais se destacou o número "Em um mercado persa", tocado, ao piano, pela aluna Eli Rosa.

Fez uso da palavra a senhorita Eudora Lchaer, aluna do 1º ano normal, que dissertou sobre a data de 21 de abril, e cujo discurso foi o seguinte:

"UM SONHO DE LIBERDADE"

"Três séculos haviam decorrido desde o descobrimento do Brasil, e este, ainda não era livre.

... e o pensar dos corações brasileiros, era o pensar dos corações portugueses. Mas a Pátria era grande, e grandes foram os que dela receberam a vida. Souberam compreender que lhe deviam um tributo: o de torná-la livre, independente, dirigida por corações brasileiros, por mãos brasileiras.

Nascera o sentimento de liberdade.

Impelidos por esse sentimento, haviam de lutar e haviam de vencer.

Entregou-se à luta, então, um punhado de bravos, que, conhecendo embora os perigos que os aguardavam, não hesitaram, em empregar todos os esforços e o ardor de suas almas, em troca de um Brasil livre, de um Brasil soberano e independente.

Colocaram esses bravos, o ideal de liberdade, bem ao alto, acima de todos os obstáculos, e procuraram alcançá-lo. Se eles não o pudessem, outros alcançariam mais tarde, e o mundo havia de saber: somos livres hoje, porque nossos avós plantaram e regaram com seu sangue, a semente da Liberdade.

Sabiam eles o que representava a liberdade: não mais seriam explorados; o ouro não mais iria para mãos estranhas; os pesados impostos, não mais sustentariam o luxo e os gastos da corte portuguesa... e cada brasileiro, teria o peito livre, para respirar o ar de sua terra.

Bastava de fome e miséria, num país tão grande, e cuja grandeza era econômica e moralmente reduzida.

Muitos foram os que lutaram por essa causa, procurando fazer vicejar seu sentimento nacional.

Foi Minas, aquele grande recanto brasileiro, a fonte, que, como imensa cascata, deixou jorrar, em abundância a idéia de autonomia de seus filhos.

Trabalharam e lutaram muito os amantes da liberdade, e estavam prestes a ver, realizado seu sonho quando ruíram por terra suas esperanças.

Foi preciso escolher, entre a vida com escravidão, e a morte pelo ideal, e preferiram a morte, a ser escravos em uma terra, onde tudo convidava à Liberdade.

E surge, enérgica, a figura de Joaquim José da Silva Xavier, aquele caráter de ferro, de ânimo exaltado, que iria empenhar-se, na luta, cujos perigos não ignorava.

Falou ao Brasil inteiro, deixando, em cada coração, uma semente, dando-lhe calor e luz, para que não morresse, para que germinasse, e desse frutos.

Trabalharam com ele, incansavelmente, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Padre Toledo, e tantos outros bravos, que, lançando, dia a dia, as sementes

da Liberdade, colheram, para si, a sentença da morte.

Mas a idéia estava lançada, e nem a morte poderia tirá-la do coração dos brasileiros, cada vez mais entusiasmados.

Morre Tiradentes...

E o Brasil recebeu, com o peito aberto, o sangue de seu filho, o primeiro mártir da Liberdade. Mas não enorou a preciosa perda, pois sabia, que, a seu exemplo, muitos ainda viriam, e que um dia, nós seríamos independentes, seríamos livres, podendo, assim, proclamar a glória dos que lutaram e não viram concretizado o seu sonho, o seu ideal.

Passaram-se os anos, desde 1792, data em que o grande Tiradentes morreu, pela nobre causa da liberdade de um Brasil que, mais do que nunca, pulsava uníssono, vibrava de entusiasmo, como o grande mártir.

"Libertas quae sera tamen" — Liberdade ainda que tarde, queriam os brasileiros. E porque queriam, ela chegou a seus corações, que viram, no dia 7 de setembro de 1822, o tão almejado dia, o dia de sua independência.

D. Pedro I concretizara, as margens de um pequeno rio, o sonho alimentado durante 30 anos, dando aos brasileiros a sua liberdade, tesouro imperecível, guardado com carinho, em cada coração que anseia por tornar, cada vez maior, cada vez mais livre, o seu Brasil, a sua Pátria querida!

Na mesma reunião fez uso da palavra, também, a aluna Ciriba Braga que versou sobre o grande estadista Franklin Delano Roosevelt, pois, a 12 de abril, comemorou-se o 1º aniversário de sua morte. Ciriba leu, com entusiasmo e desembaraço, o seu magnífico discurso.

As palavras abaixo demonstram o brilho do seu discurso.

... "esse super-homem, arauto de Deus, que salvou a humanidade do verdadeiro caos em que se ia engolfando, deixando à margem da vida os ensinamentos são e meigos de Jesús — a caridade.

Roosevelt foi o maior Apóstolo da Caridade, o expoente da fé, por lhe sorrir, sempre, a flor da esperança; Trindade que lhe fez vencer, na vida, os mais negros dias de sua existência, quando, de assalto, viu o inimigo querer escravizar-lhe o povo.

... foi o maior evangelizador democrático de nossos tempos, o Homem dinâmico que assombrou as potências militarizadas, empenhadas numa guerra de extermínio e escravidão...

Sábado, 4 de maio, o G. C. P. A. B., promoveu nova reunião, extraordinária, onde os sócios artistas demonstraram a sua elevada capacidade, pois, os números musicais, foram recebidos com entusiasmo, por parte de todos os presentes.

Maria A. Silva, aluna do 1º ano normal, e representante da comissão de festa do nosso Grêmio, declamou uma notável poesia do poeta A. Gonçalves Dias.

E, como dia 8 de maio, fôsse o dia consagrado à vitória das Nações Unidas, sobre os nazi-fascistas, a sócia Nilda d'Ávila soube dissertar, com facilidade e viva expressão sobre aquela data que, sem dúvida nenhuma, é a mais importante na história da civilização da humanidade.

São suas as palavras abaixo.

... "neste dia, em todas as escolas das Américas, milhões de crianças erguem seu pensamento, ao céu, para agradecer a Deus, por terem nascido num continente, onde impera a liberdade, onde a lei não é representada por tiranos, mas, sim pelo resultado das conquistas de anos de aperfeiçoamento e de labor, dos esforços dos homens de boa vontade em assegurar, aos que — depois deles vies-

Em busca de um amigo

Normando Camargo da Silva

Esperançoso procurava eu um sossego, que me consolasse.

Olhei para o firmamento.

Com um azul límpido, aparentava um imenso campo azulado; parecia ter êle um sossego fortíssimo. Era êle dominado pela luz intensa do astro rei.

Em seguida, olhei para o mar.

Oferecia êle um dos mais formosos quadros da natureza. De um verde plácido comparava-se a um vastíssimo lago. Semelhava ser um espelho translúcido e extenso, onde se refletia o azul do céu. O sol também espelhava-se dando-lhe côres prateadas.

Em certas ocasiões várias embarcações, umas com suas velas carregadas pelo vento, outras movidas à máquinas, passavam portentosas e apressadas como se fossem esperanças. Os peixes pulavam dando sinal de alegria.

Olhei depois para a terra.

A aragem arrepiava os imensos campos, onde borboletas e pássaros voavam sobre as flores multicôres.

As árvores carregadas de frutos inclinavam-se para a terra.

Nos bosques, nos frondosos bosques, em que o cheiro aromático perfumava o ar; via-se belos pássaros saltar de ramo em ramo, gorgendo harmoniosamente.

O sol escaldava, areias côr de ouro e terra de várias côres. Aquele perfume silvestre, um perfume de terra escaldada, de plantas verdes, me embriagava.

A natureza parecia apossar-se de mim, nada me perturbava.

Fiquei horas inteiras, a contemplar, êsses espetáculos belíssimos e agradáveis, que dava à minha alma um sossego nunca sentido outrora. Parecia ter encontrado o tão desejado sossego consolador.

Súbitamente, no firmamento, apareceram grossas nuvens escuras, que ocultaram o puríssimo azul; todo êle tornou-se côr de chumbo, semelhava-se a fumaça de um grande incêndio.

Um vento iniciou a soprar, as ondas foram tornando-se agitadas, furiosas, parecia, ser um titã, que ameaçava destruir tudo. Açoitavam as costas da terra. Oscilavam as embarcações.

Não gorgavam mais os pássaros.

Cacarejavam as galinhas, mugiam os bois, relinchavam os cavalos.

As árvores descabelavam suas vastas cabeleiras com a furiosa ventania. No firmamento aumentava a escuridão; raios romperam a sua abóbada, rebombava o trovão, semente furiosa.

Ihante, ao troar de uma artilharia distante, e desabou a tormenta. Minha alma cobiçosa de sossego desesperançou-se mais uma vez.

Na estrada da vida

(Conclusão)

ajudar na caminhada. Muitos perdem tempo com as futilidades que se lhes apresentam. Continuam depois, porém, já um tanto precocemente cansados. Outros acham que já é tempo de parar. Para eles já está tudo realizado. A indolência apossou-se deles. Os mais alertados continuam firmes, no propósito de chegar a um pouso mais avançado. Outros tomam por atalhos. Raramente acertam. O moço que estamos observando, pôs o pé num dos buracos da estrada. Caiu, levantou-se, sacudiu o pó, e caninhou. Novos obstáculos vencidos. E continuava galhardamente. Já avançou em anos. Fortaleceu o espírito e enriqueceu os músculos. Nada o deteve. Agora, são menos os que viajam. O número de cansados aumentou. A senilidade se aproxima. E o homem continua.

35, 45, 50 anos vencidos. E lá vai êle em direção certa, a pisar firme a estrada que a vida lhe entregou. 60 anos já venceu. Aqui, poucos chegaram. O nosso viajante, afinal, achou o pouso desejado. Jardim em flores. Risos e alegrias. Natureza bela e forte que de tudo produz. Tudo é belo. O sol brilha com mais fulgência. A luz da lua é mais clara. Os dias são mais agradáveis. O homem sente-se feliz. Pode agora dormir sem preocupação. Pode olhar para o céu, sem medo de tropeçar no buraco cavado na estrada. Os dias que lhe sobram, vai passá-los, comodamente,

sem, um futuro de paz, ordem, progresso e liberdade".

No próximo número, teremos oportunidade de dar mais, e melhores por menores sobre as atividades processadas em o nosso Grêmio.

Orestildo

Nós e o Tempo

Goia.

A noite cerrou-se de todo. Tudo dorme. Com o rádio, ligado em surdina, leio.

A música melódica quase me faz adormecer.

Cansando, fecho o livro. Olho em volta, e, sobre a escrivaninha vejo um jornal.

Tomo e leio. É o jornal do Instituto de Educação "O Idealista". Deparei com um título: "no tempo".

Acho interessante, e ponho-me a ler. De fato, um artigo maravilhoso; mas, eis que deparo com a expressão: "... e o tempo ia passando".

Pus-me a refletir sobre aquela simples frase. Tomei o lapis e o papel, e fiz a mim próprio esta pergunta: — Será verdade que o tempo passa?

Após uma reflexão demorada, cheguei à conclusão de que: o tempo não passa, nós é que passamos. Percebo uma pergunta a quem-mar o cérebro dos caros leitores: Como?

Pois bem leitores, vejamos a questão em si.

Quantas vezes, vossos ouvidos já captaram do éter esta mensagem: "Anda, trabalha, que o tempo passa".

Isto, leitores, não passa de uma ordem, que ativa o desenvolvimento celular, fazendo com que elas trabalhem mais depressa; dando em resultado um maior desgaste na máquina humana e diminuindo consequentemente sua capacidade vital.

Formulo a pergunta seguinte: Quem passou? Nós? o tempo? Claro que foi o indivíduo (nós).

Na realidade, o tempo não existe. A sucessão de claro e escuro é uma seqüência natural, devida à rotação provada da terra.

O homem, êste animal dotado de uma faculdade que o distingue dos outros animais — o raciocínio — tomou esta seqüência, e, para melhor dirigir suas atividades naturais, denominou-a anos, meses, dias, horas, minutos, segundos e terços; de acordo com as necessidades momentâneas.

O tempo na realidade, não existe. É algo incomensurável. Porém, o homem (sempre o homem procurando uma adaptação razoável), formou a seguinte igualdade: Tempo-Eternidade, donde a 2ª não passa da soma dos tempos racionais atrás descritos.

Volto a afirmativa: O tempo não passa, nós é que passamos.

Faço aos leitores nova pergunta: Como pode passar aquilo que não existe?

Voltamos à nossa individualidade.

Sim, nós passamos; pois temos um ciclo vital, isto é, um período limitado pelo nascimento, desenvolvimento natural, e por fim a morte.

Nascemos, e conosco surge o fator tempo, adotado pela espécie humana (idade). Morremos e com êle morre o mesmo fator.

Mas oh! pura ilusão! Não foi o tempo que passou, e sim fomos nós (indivíduo-matéria).

Passamos tanto mais depressa, quanto mais forçarmos nossas células a um trabalho demasiado e exaustivo. Nossas células vão-se desintegramo até a imobilidade total (morte).

Equanto no indivíduo se vai operando a transformação celular, a seqüência da terra continua, e o pseudo tempo vai surgindo e desaparecendo com o nascimento e morte dos indivíduos.

Isto se dará até a abolição da sucessão de movimentos ordenados da superfície do planeta que habitamos.

Quanto mais depressa alterardes o vosso desenvolvimento natural, mais depressa passareis na seqüência universal.

O homem não pode estar subordinado a algo que não existe, como o tempo, e, sim, à sua própria constituição orgânica ou celular.

O tempo não existe em si, nem talvez não terá fim.

Para os Deístas podemos dizer: Tempo-Deus.

Para os materialistas podemos dizer: Tempo-Matéria.

Na 1ª afirmativa, Deus subordinou a época; enquanto que na 2ª é a matéria organizada que demonstra a inexistência do fator tempo.

O relógio bate doze badaladas, que ecoam na noite silenciosa.

Meia noite. Sinto os olhos pesados de sono. Paro de escrever. É hora de dormir. Que me fez escrever? — Apenas uma frase de um jornal: "... e o tempo ia passando".

CONDUTA ESCOLAR

Aurélio M. Garcia

A escola é uma família, onde se encontram muitos elementos essenciais do bem viver e do bom proceder.

Assim, por certo, cada um deve, fielmente, ocupar o seu lugar. Todas as lições, recebidas na escola, acompanham cada aluno e poderão ser exatamente aplicadas. Na escola, o aluno tem dois pontos, a observar em sua conduta:

— O tratamento devido a si mesmo e o tratamento devido aos mestres e colegas.

O primeiro, acha-se intimamente ligado à sua pessoa e é facilmente constatado.

O tratamento devido aos mestres e colegas deve ser mais considerado. Falarei, então, sobre o menos extenso. Cada aluno tem deveres para consigo mesmo; isto, não só na escola, mas em todos os setores da vida. Qualquer descuido a esses deveres, constitui grande falta. Estes deveres se resumem todos, no cuidado com sua própria pessoa. Portanto, deve o aluno, conduzir-se, manter-se com sabedoria e justiça. Os conhecimentos, a educação, constituinte do seu cabedal, foram, como rochas, formados por sedimentação, foram ministrados com ciência e amor.

Não sendo eles, guardados fielmente, empregados convenientemente, dizem do "eu", um mau indivíduo. O que tem valor, depende de muitos cuidados. O que não tem valor, de nada depende, é refugado. Mais do que em toda a vida, é na escola que se aprende a considerar o valor que possui cada coisa. Um sábio é apreciado; um ignorante passa, sempre, despercebido. Assim, a auto-apreciação do aluno é que determina a sua própria conduta. Por isso, torna-se necessário uma apreciação com sentimento justo e verdadeiro, para ser bem, proveitosa. Sim, é constantemente dito que é perigoso ter-se uma idéia muito alta de si mesmo. Deve o aluno substituir tal idéia, pela do sentimento de dignidade. O aluno deve saber dos seus méritos, para não parecer grosseiro e tolo, no seu orgulho e na sua vaidade. Parece incrível, mas o certo, é que existem alunos que se crêm os mais belos, os mais interessantes e os mais inteligentes de todos. Vivem na concepção do "ego" impecável, cheio de perfeição. Os conselhos de mestres e colegas são imprecisos e até mesmo, indesejáveis. Nas trocas de idéias, em que se externam observações sobre seus atos e realizações, julgam-se ofendidos e cheios de si, até esquecem do fim educacional destas. Deste sentimento de grandeza, fazem-se fortes, saudáveis, ricos, cientistas e habilidosos. Desejam brilhar, que os olhos alheios escureçam com a poeira por eles lançada. Dito isto, não se deve concluir que é necessário o desprezo ao "eu". Não, o aluno que se julgar sem valor e importância, não é digno, nem de possuir tal título.

É preciso que considere o preço do seu estudo, de onde veio seu estudo e os esforços dos mestres. Toda a ciência e amor de mestre, por acaso, não os receberam eles? E não, são incalculáveis? Então, aqui, acha-se razão para uma apreciação justa do valor de cada um. O resultado de tantos esforços, sacrificios, sofrimentos, merece, de cada um, o acatamento sincero de uma coisa de valor, não deve cair no desperdício. É, pois, facilmente concluído por um espírito justiceiro, que sua formação é o produto de esforços alheios. Cumpre aos alunos, manter-se, fortalecer-se, na medida do possível, para coroarem de êxito, a labuta dos educadores, transformando-a, ao menos uma parte, em substanciosos pomos, que transmitirão a seus alunos, no futuro.

Porém, são muitos os que esquecem, porque receberam, nunca doaram produtos de tantos sacrí-

Batalha naval do Riachuelo

Piraguai Rosa

Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguai, sem declarar guerra ao Brasil, aprisionou nas águas do rio da Prata, o indefeso navio brasileiro, Marquês de Olinda.

Com esta afronta, foi declarada a guerra ao Paraguai. Dia 11 de junho de 1865, quando eram decorridos poucos dias de luta, conseguimos vencer a maior batalha, até então, realizada na América do Sul, a célebre Batalha do Riachuelo.

Comandava a esquadra brasileira, o destemido Almirante Manuel Francisco Barroso, e a esquadra inimiga, era comandada pelo Capitão de Fragata Mezza.

Achava-se Barroso com a nossa esquadra, nas proximidades de um pequeno rio chamado Riachuelo, quando foi dado o sinal, de "inimigo a vista". Barroso, antes de começar a luta, fez izar na corveta Amazonas, o seguinte sinal: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Imediatamente, os destemidos marinheiros brasileiros puseram-se em luta.

De parte a parte, uma chuva de balas cortava o ar em tôdas as direções. Era tenaz a resistência do inimigo. Neste mesmo dia, isto é, a 11 de junho de 1865, Barroso, conhecendo a força do seu navio, e a profundidade do canal, fez do Amazonas um ariete, e arremessou-o contra o inimigo, pon-do a pique três dos seus navios. Aterrorizados com a manobra, os outros fugiram. Estava, assim, vencida uma das maiores batalhas brasileiras, tendo como figura principal, graças ao seu heroísmo, ao seu patriotismo, e à sua bravura, o glorioso Almirante Manuel Francisco Barroso, que lutou, com honra e galhardia, para não deixar que o pavilhão auri-verde de nossa querida Pátria, fôsse ultrajado por outra nação. E por esse glorioso feito, o Almirante Barroso, foi cognominado, o "Barão do Amazonas".

Valor de um Grêmio Cultural Estudantil

Nas escolas, por excelência, secundárias, deve-se ter, como um fator de grande preponderância ao acréscimo de conhecimentos, um grêmio.

Ele é o nosso melhor guia. Ensina-nos a dar os primeiros passos de educadores, para que, mais tarde, sozinhos na vida, possamos, sem dificuldade e sem esmorecimento, li-

var-nos dos perigos que, a todo instante, se nos deparam. Sim, porque o caminho que nos conduz às portas da glória não será um caminho só de flores, como até agora vinhamos pisando e sim um mesclado de espinhos a ferir nossos pés. Devemos fazer do grêmio nosso melhor auxiliador, aproveitando as oportunidades, para expormos nossas idéias, mostrarmos nossos conhecimentos e provarmos de que somos, realmente, portadores de cultura, esta fonte milagrosa que saciará nossa sede, quando nos encontrarmos mergulhados no escaldante deserto, que é a luta pela nossa subsistência; têtó que nos obrigará das fúrias de uma tempestade, provocada por incompetência de outros; luz que nos alumiará, nas densas trevas, o percurso a seguir, facilitando nossas passadas, através da trajetória progressista.

Cultura — Arma invencível com que contamos, para nos defender dos piores momentos e que inimigo, algum poderá roubá-la, porque se acha alojada no profundo cofre, que é o cérebro.

Há um ano, precisamente, fundava-se no Instituto de Educação, nosso querido estabelecimento de ensino, um grêmio por sugestão de sua Diretora e que, aliás, recebeu seu próprio nome: Grêmio Cultural Professora Antonieta de Barros.

Desde então, êle tem sido, como bem podemos ver, um centro, onde todos os sócios se concentram, para ouvirem as palavras de seus colegas, abordando temas diversos. Nestas reuniões que se vem processando semanalmente, nota-se a harmonia, interesse e boa vontade dos alunos, que desejam, antes de mais nada, ficar à altura do título que irão receber, pois é destas reuniões que dependem suas atividades e práticas na vida futura. Estudantes e meus colegas! Saibamos colher destas preleções os frutos mais maduros e apetitosos, para que, seguros e fortes, caminhemos orgulhosos, sobre um oceano de prazeres, lembrando-nos, ainda de que havíamos sido estudantes brasileiros, jovens que queriam fazer do seu Brasil, berço da sabedoria e do progresso.

Saberão que valem o que de seus mestres receberam e empregaram convenientemente.

Evangelia Kalafatás

Com levam a vida

O Tomaselli

Há bem poucos meses, quando, por ocasião das férias do fim do ano, viajei para o norte do Estado, tive oportunidade de observar como os lavradores daquela região levam a vida de baixo de privações, trabalhando do amanhecer ao anoitecer.

Decendentes de alemães, italianos, poloneses, portugueses, esses colonos dedicam-se ao cultivo das terras e delas obtêm os produtos necessários para a sua subsistência.

Tratam do cultivo do milho, arroz, cana de açúcar, mandioca, araruta, etc., cujos produtos são destinados em parte, ao comércio e em parte, à criação do gado, bovino e mino, principalmente.

Cada lavrador possui determinada extensão de terras, 10.000, 15.000 ou 20.000 metros quadrados ou seja, como eles os chamam, terrenos de 40, 60 ou 80 morgos, etc., e, aparelhos para o amanho dessas terras, tais como arados, grades, estirpadores e outros, de uma importância, para o fim a que se destinam.

É de admirar a maneira como se entregam ao trabalho. Para eles não há horário. Orientam-se — como se orientavam as navegações dos fenícios, dos romanos e depois dos portugueses e dos espanhóis, antes da invenção da bússola — pelo sol, durante o dia, e pela lua e a luz das estrelas, durante a noite.

Relógio, não o possuem e se o possuem de nada vale, pois, talvez, só lhe darão corda, uma vez por semana, aos domingos, principalmente, quando o tornar para dar um passeio a casa do vizinho, assistir a uma reza, se, no lugar, houver uma capela, ou quando for a cidade, para fazer a troca de seus produtos coloniais, com os manufaturados.

O cantar do galo, às duas horas da madrugada, representa o primeiro sinal de alarme. As quatro horas, quando o mestre galo cantar pela segunda vez, o lavrador salta do seu leito e, com uma lanterna na mão, corre à procura dos animais, nos pastos verdes, cuja grama se apresenta, completamente molhada pelo orvalho que a noite calma e taciturna lhe apresentara. Enquanto segue ele nessa peregrinação, a mulher acende o fogo, prepara o café e espera o alvorecer de mais um dia para recommençar o trabalho costumeiro.

Agora o filho mais velho, o José, de 12 anos, para tratar das aves e ajudar o pai. Chama o segundo, para tratar dos pintos e apontar-se, para ir à aula cedo, porque a escola fica distante; a Maria, com 9 anos de idade, cuida de Joãozinho, enquanto a mãe prepara o almoço.

Mal rompe o dia, vemos o pobre lavrador, picareta, pá, enxada, ao ombro, cesto do almoço ao braço, redeas à mão, dirigindo-se para o campo, onde continuará seu labor.

Trabalha e trabalha, o dia inteiro, exposto às intemperies do tempo, pois, para êle não há sol abrasador, nem chuva, nem dias frios que o impessam de trabalhar.

A vida é para o trabalho. E o vemos, sempre, alegre, quando seu esforço for produtivo. Porém, nem sempre, tudo sai à medida dos seus desejos e os fatos negam-se a corresponder ao esforço dispensado.

É o caso de uma seca, de uma enchente que, como em fins de 1944, por ocasião das grandes chuvas que assolaram aquela região, provocaram as cheias, devastando, carregando, destruindo as plantações e deixando o lavrador sem viveres para o resto do ano.

Sim, êle se entristece, mas, não desanima e, diante disso tudo, vive na boa fé de que, trabalhando e lutando, obterá, o ano seguinte, a recompensa de que é merecedor: a fatura para si e os seus.

Crê e aceita a velha teoria egípcia de que, as águas subindo até a superfície do solo deixam o lodo, adubo que fertiliza a terra e a torna mais produtiva, assegurando-lhe melhores colheitas, para os anos vindouros.

Quando a noite vem chegando, vem-lo voltar cansado, passo fardo e pesado, depois de um dia vivido. Mas, ainda, não está concluída a sua jornada. É preciso que êle trate dos animais e lhes dê a ração necessária, para que êles, também, possam acompanhá-lo no serviço.

Antes de repousar, à noite, êle volta ao estábulo, para soltar os animais que no pasto procuram mais pastagens, e, o leite para a noite.

— E o colono recolhe-se. Está terminando mais um dia de luta e mais um dia vencido na sua existência espinhosa e humilde, mas honrosa e digna de merecimentos dos mais acentuados.

Nos lugares mais desenvolvidos há, distante uma da outra, casas

22 DE DEZEMBRO

Entardece.

É uma torrencial chuva cai sobre a cidade molhando-a totalmente. O céu achava-se coberto por uma negra nuvem que anunciava a noite.

A multidão, à pressa, de regressar aos lares. Pessoas, andando ligeiro; outras, correndo em um movimento incrível de fim de Ano.

Algumas horas mais e o Ano Velho não existirá mais. Que importa a chuva? Ela não virá apagar a ilusão de um futuro próspero, nem tão pouco a alegria que todos esperam, a esperança de felicidade que a multidão deposita no Ano que não tardará a raiar.

Que venha mesmo assim com este batismo diluvial, que o mesmo contentamento esperançoso o aguarda! E para festejar, todos vão numa pressa louca em direção a suas casas.

Depois de 5 anos de sofrimentos e lutas, esperamos um Ano Novo, um que todos nós sentimos bem longe, os sofrimentos; e pertinho, a paz e o trabalho, criando novas riquezas, aumentando o saber, ampliando o conforto de toda humanidade. E que, a sombra, benigna e recunda da Concorúria, Deus, permita não mais seja perturbada.

Deus abençoe toda a humanidade, atendendo-lhe o pedido.

Gilberto João de Oliveira

Expedicionário brasileiro

Nos dias trágicos da guerra, em que as patrias chamavam por seus filhos, o povo brasileiro era desrespeitado pelo inimigo, com o afundamento bárbaro de nossos navios mercantes e de passageiros.

Foi, então, organizada pelo Gal. Eurico Gaspar Dutra, a gloriosa e envicta Força Expedicionária Brasileira, para repelir imediatamente as ameaças constantes, que recebiamos do inimigo, que traçoeiramente nos atacara.

Era uma Força constituída de homens decididos, que tudo faziam para defender o solo pátrio.

Foi confiada ao bravo Gal. Mascarenhas de Moraes, o comando desta Força, que iria, em terras longínquas, derender o pavilhão nacional.

Treinados especialmente para o campo de luta, foram os nossos bravos soldados, lutar, em terras meridionais, à cata do inimigo, levantando, assim, a nossa moral.

O mundo, através dos jornais, desde muito cedo, conhecem o valor do soldado brasileiro, que mesmo lutando em terras desconhecidas, colocava o inimigo em franca derrocada.

Quer na França traída, na heroica Inglaterra, na Polónia massacrada, na Bélgica escravizada e, em muitos países dominados pelos nazistas, eram citados os feitos destes heróis, principalmente, quando da tomada de Monte Castelo.

Este é um fato que, muito nos enche o coração de alegria, apesar de muitos terem derramado seu sangue em prol da democracia.

Graças à sua bravura, o soldado brasileiro, coberto de glórias nunca será esquecido, quer por nós brasileiros, quer por todos os povos do mundo.

Sentimo-nos orgulhosos, porque o Brasil enviou esta grande leva de heróis, que souberam, com honra e galhardia, elevar, bem alto, o nome de nossa pátria.

Salve! Expedicionário Brasileiro!

Wilson Alves Pessoa, 5º Ano A.

de negócios, quasi sempre, contiguas a salões, onde se reúnem, por ocasião das festas locais, toda a população das redondezas.

Apesar de tudo, têm êles, também, os seus momentos de ruidosa expansão, de festa e alegria, com bailes animadíssimos ao som de uma orquestra bastante mística de músicos exaustos e sonolentos.

É, assim, o nosso lavrador que, de longe, pensamos ser possuidor das melhores regalias e privilégios, labuta, sacrifica-se e, sofre intrigas e ingratiões tremendas, mas leva a vida, buscando um ideal que é o de progredir, produzir e fornecer ao comércio, os produtos essenciais para alimentação e conservação de uma juventude, de uma raça forte, útil e eterna.

Abolição da escravidão

Faltando trabalhadores, para desenvolver a lavoura no Brasil, resolveram, os colonizadores portugueses, mandar buscar negros africanos, para aqui servirem de escravos. Os primeiros escravos aqui chegaram, no ano de 1532.

Vinham estes pobres negros, amontoados nos porões dos navios negreiros, acorrentados, sem roupas, sem comida, até o Brasil. Frequentemente morriam na travessia, dezenas de escravos por dia.

Chegados ao Brasil, eram vendidos nos mercados, como mercadorias. Os senhores, que os compravam, levavam-nos para a fazenda e os obrigavam a fazer toda espécie de serviço pesado, como a lavoura, trabalhar nas oficinas, e ainda, quando não faziam o serviço como devia ser feito, eram amarrados, e chicoteados.

As perseguições eram tantas, que alguns fugiam, para o mato. Pegados, eram levados a presença do senhor, amarrados, e apunhavam, até o sangue escorrer. Enfim eram tratados esses inícuos, como verdadeiros animais.

Depois da nossa independência, cessou o trágico dos escravos.

Ao findar a guerra do Paraguai, crescia o movimento em prol da libertação dos escravos.

Um dos grandes abolicionistas, foi o Visconde do Rio Branco, que criou uma lei, que extinguiu, por morte lenta, a escravidão no Brasil.

A campanha da liberdade, crescia cada vez mais e tinha como dirigentes, Rui Barbosa, Luiz Gama, um preto baiano que nascera escravo, André Rebouças, José do Patrocínio, ilustre orador e jornalista preto, o parlamentar José Bonifácio, o moço, e muitos outros.

Há 28 de setembro de 1885 foi declarado que deviam ser libertados todos os escravos sexagenários.

Com esta declaração, foi mais um passo em prol da libertação da escravatura. E o movimento abolicionista crescia sempre e a 8 de maio de 1888, foi apresentado a câmara, um projeto de lei, que contava apenas dois artigos:

- 1º) É declarada extinta a escravidão no Brasil;
- 2º) Revogadas as disposições em contrário.

Desse momento em diante não houve mais oposição por parte dos escravocatas.

O projeto foi recebido pelo povo com aclamações e aprovado cinco dias depois, é no dia 13 de Maio de 1888, a princesa Isabel, então regente do Império, assinava, o projeto que recebeu o nome de lei "Áurea", e ficou assim, extinta para sempre a escravidão no Brasil.

Há cinquenta e oito anos, pois que o Brasil se pode inscrever, nobremente, entre os países civilizados, porque em suas terras, que o Cruzeiro do Sul protege e abençoa, todos têm os mesmos direitos, e os mesmos deveres e respiram o mais puro dos ares, aquele que emana a Liberdade.

Piraguai Rosa

UMA VIRTUDE

10 DE MAIO DO ANO DE 1946

Por motivo imperiosos, faltei, nesse dia, à aula, embora, muito contra a minha vontade.

Sai de casa depois de uma breve leitura, para tratar de assuntos que me eram peculiares. Por conveniência, passei por traz do prédio do Instituto de Educação de Florianópolis. A manhã estava fresca, e o céu, um tanto afeiçado, com nuvens cor de chumbo era uma mensagem da chuva que se aproximava. Uma brisa do norte soprava sobre a cidade, suave como o tanger da corda de um violino. Crianças, alegres, brincavam, corriam por todas as partes, por onde eu passava.

Eu ia pensando sobre qualquer coisa de que não me recordo. Estava preocupado, é bem verdade, e, como tal, de cabeça baixa, para melhor refletir sobre o que me enchia a alma. Levantei, por um pouco, a cabeça, e vi que se aproximava um aleijado, arrastando-se pela calçada do prédio, onde estudo. Trazia na fisionomia a angústia do desventurado, e a resignação do sofrido. Mãos no chão, substituindo os pés mirrados, que se cruzavam para a frente, lá vinha o aleijadinho, impelindo o corpo para a frente, com o auxílio das mãos. Pobre criatura! Quem não se comoveria de vê-lo assim sacrificado! Quem não pensaria na dor que macerava aquele espírito? Era comovente vê-lo. Calça rasgada que lhe cobria os membros inutilizados, paletó surrado pelo uso, a pobreza revelavam, e um chapéu, já sem forma, sobre a cabeça revestida de uma cabeleira, digna de um leão, pois, mais parecia uma juba.

Olhei para traz. Numa rua paralela a esta, passava um sorveteiro. Parou o carro que empurrava. Soprou por duas ou três vezes a sua corneta que, na boca de uma criança, ficaria mais elegante.

Dois meninos se aproximaram. Aparentavam, um quatro anos, e o outro, uns dois anos mais velho. O maior puxou, do bolso pequeno, da calça curta, um níquel, tão pequeno na sua quantidade, quanto pequeno era o menino na sua estatura.

— Dá-me um sorvete?! — rogou o menino ao sorveteiro.

Recebeu o sorvete, e, um troço, um níquel menor ainda, das mãos do vendedor de doces frios. Chupou a primeira vez, dando a segunda para o seu coleguinha. E assim caminharam, passando por mim, alternando as vezes de chupar o pequeno doce gelado.

A uns dez passos distante de mim, vendo o aleijadinho que se aproximava, o mais velho disse ao menor, alguma coisa que o meu ouvido não percebeu. Mas os gestos esclareceram.

Tomaram para a esquerda, na direção de onde vinha o aleijadinho. Achearam-se para ele, e, com uma humildade de gesto, simplicidade no olhar, um dos garotos estendeu para o aleijadinho uma das mãos, fechada, abrindo-a depois para deixar cair na mão aberta daquele, o níquel que o sorveteiro lhe dera de troço.

Olhos espantados e coração tocado pela maneira simples e delicada do menino, respondeu comovido o aleijadinho, com um "Deus seja com vocês".

E lá se foram os dois meninos, falando e brincando, alegres como são todas as crian-

A ALELUIA

A alegria é a consoladora dos homens na vida.

A verdadeira alegria não é a passadeira, a alegria simulada, muitas vezes, mas a alegria sincera, que se manifesta, quando praticamos o bem, quando experimentamos o que traz verdadeiro prazer ao espírito.

A alegria, que é causada pelos prazeres mundanos, e rápida, pois, neste mundo, o homem não experimenta a verdadeira felicidade, que lhe está reservada, no outro mundo, se a merecer.

A alegria manifesta-se pelo sorriso, pela expressão do olhar, da face.

Muita vez é simulada.

O comício próprio permite ao homem a completa inibição da sua tristeza, aparentando alegria.

A alegria espiritual, é diferente da exteriormente manifestada.

Não se manifesta pela expressão da face, muitas vezes, mas é uma alegria íntima, que só pode ser observada pelo seu possuidor.

A alegria anima o homem, nos trabalhos da vida, dá-lhe forças para vencê-lo, e o que cultiva a alegria, vence, com muito menos dificuldade, as asperezas que lhe oreece a vida. A verdadeira alegria consegue-se pelo trabalho.

O homem, cumpridor dos seus deveres, goza de grande alegria, que é a verdadeira e insubstituível.

Juanita

A Didática e a Educação

A Didática exerce um papel importantíssimo na educação, uma vez que ensinar não é, somente, instruir.

Anagamente, a criança era educada no lar; em nossos dias, porém, a escola, forçada pelas circunstâncias, proporciona não só a instrução, mas, também, a educação.

Na escola, cabe ao professor, ministrar ao aluno uma educação integral, exigindo esta o desenvolvimento das estruturas da alma e o do corpo, que é a base física da alma.

A Didática, pois, muito auxilia o professor na educação.

Os processos educativos variam. Desde cedo, o aluno deve aprender a dominar-se, a fortalecer a vontade: "Uma grande vontade gira a um grande valor".

Deve robustecer as forças morais, e todos seus atos devem convergir, para um ponto: "a perfeição". Isto nos prova a inconveniência da aprendizagem espontânea, sem direção.

A criança está inclinada a fazer o que lhe agrada e repeir o que lhe é desagradável.

Fazendo só o que lhe agrada, a criança em uma vontade ferrea, sem se dominar, jamais poderá realizar um ideal.

É indispensável, portanto, a direção consciente do professor, experiente da vida, ao contrário da criança, que tateia num mundo, que lhe é completamente estranho.

O professor deve dirigir a classe com o coração.

Do contrário, o aluno não poderá suportar-lhe a autoridade.

A criança não deve ter a liberdade sufocada; deve agir livremente, tornando-se uma personalidade independente, de que tanto carece a sociedade de hoje. Todos estes princípios, que visam uma educação sólida, são impostos pela Didática.

Portanto, está provado que a Didática não ocupa papel secundário na educação.

Juanita Bonsfield Cláudio

EXPORTAÇÕES BAIANAS

No triênio 1942-1944, as exportações baianas alcançaram a cifra de 502.738 toneladas, com um valor total de 1.618 milhões de cruzeiros.

ças, talvez sem pensar no altruísmo que praticaram.

Repartiram o que tinham, dando o último níquel para o pobre desventurado.

"Deus seja com vocês". Belas e significativas palavras que, ao meu ouvido, sempre soarão.

"Deus seja com vocês", e, sê tu, Caridade, bendita entre as virtudes, e luz na vida dos homens!

Estudos sobre a questão genética do homem

O. M. Filho

Poucos assuntos, nos meios científicos e religiosos, têm sido mais debatidos do que a questão da gênese humana. Porisso, eu propus, a mim mesmo, escrever algo sobre o assunto, aliás, um dos meus preferidos em leituras e estudos, para maior conhecimento de meus colegas.

Divergem as várias correntes, que, com seus argumentos, procuram explicar, aos homens, o seu aparecimento, no nosso Planeta.

A maioria das Igrejas Cristãs, que se baseiam no que diz, literalmente, a Bíblia, explicam, aos seus adeptos, esta questão, de maneira pouco satisfatória. Dizem essas teorias que Deus, querendo fazer o homem, a sua imagem e semelhança, criou, de uma maneira sobre-natural, um primeiro casal, 4.000 anos A. C., e que 1.600 anos depois, houve um grande dilúvio, do qual só se salvaram Noé e os membros de sua família, que teriam originado toda a espécie humana.

Estas teorias, porém, têm contra si, argumentos da História e da Ciência, fazendo-nos crer que a Bíblia, neste ponto, está mal interpretada.

Quando os Hebreus emigraram para o Egito, em 1.750 A. C., en-

contraram lá uma civilização um tanto adiantada, já havendo, naquela época, na China e na Índia, civilizações em adiantado grau. É, pois, muito difícil de compreendermos que, em apenas 650 anos, todas essas raças fossem ter origem na família de Noé. Também as ossadas fósseis, encontradas em várias partes do Globo, datadas de éras geológicas, mui longínquas, são uma demonstração de que os animais existiram muito antes da idade bíblica.

Antropologistas, geólogos e naturalistas, estudando a questão, chegaram à conclusão de que o homem é o resultado da evolução lenta, datada de milhões de anos, dos animais que compõem a escala zoológica, desde a mais rudimentar ameba. Estas teorias, que tiveram como maior precursor, Lamark, estavam carecendo de codificação, quando surgiram os notáveis livros de Darwin, que expôs a teoria que passou a ser chamada de Evolucionista, Transformista, ou ainda, Darwinista.

O Evolucionismo diz, sinteticamente, isto: Depois do esfriamento da terra, formaram-se oceanos. Nessas águas apareceram as primeiras formas de vida — os protozoários, minúsculas células viventes, que até hoje não se sabe se animais ou vegetais. Alguns desses protozoários originaram os fungos e outros vegetais inferiores; outros, porém, evoluindo mais, tomaram as formas características dos animais microscópicos.

Com o crescimento e evolução dessas formas de vida, inferiores, surgiram os animais aquáticos que depois passaram a ter vida anfíbia.

Após milhares de anos, já viviam em terra, vários tipos de animais. (Há fósseis que datam da era terciária). No fim da era terciária, já havia um tipo de macaco superior, que não pode ser classificado como nenhum dos tipos de antropóides que existiram. (Em escavações levadas a efeito, na ilha de Java foram encontrados restos de esqueletos, um fêmur, um calote craniano e vários dentes, que examinados, pelos cientistas, não demonstraram ser humanos nem de nenhuma das raças de macacos superiores, demonstrando, porém, características de ambos). Descobertas semelhantes foram feitas em várias partes do Globo, havendo-se chegado à conclusão de que esses fósseis pertenceram a indivíduos duma raça intermediária entre o homem e o macaco, que o Cientista Haeckel há muito concluiu haver existido e que foi denominado por Eugênio Dubois — *Phithecanthropus erectus*. Este tipo de animal, evoluindo, teria originado a espécie humana. O transformismo, tem, para explicar essa evolução dos animais, fundamentos na Seleção Natural, e na Influência do Meio.

Hoje, o transformismo está enriquecido e fortalecido nas suas bases, por investigações, levadas a efeito no campo da Biologia, Antropologia, Zoologia, e Geologia.

Um ponto interessante e que parece provar a veracidade das teorias Darwinistas, está nas diferentes fases por que passa, o embrião, na vida uterina. O feto toma aspectos característicos aos animais inferiores da escala zoológica, como que demonstrando, ativamente, os fenômenos evolutivos, por que passaram os animais até o homem. Assim, explicar-se-ia a existência no nosso corpo, de certos ossos e músculos atrofiados, que não têm nenhuma função e que seriam uma lembrança dos nossos longínquos antepassados...

OSÓRIO

Renato Wendhausen

Manoel Luiz Osório, uma das maiores glórias que possui o Brasil, é um dos grandes vultos que tanto orgulho proporcionam aos filhos desta grande Pátria.

Nasceu, o insigne soldado, na freguesia de N. S. da Conceição do Arroio, no R. G. do Sul, a 10 de maio de 1908.

Era filho do tenente-coronel de milícias, Manoel da Silva Borges e de D. Joaquina Luiz Osório.

Contava, apenas 15 anos de idade, quando se alistou no exército e, pela sua incomparável perícia e extraordinária bravura, galgou todos os postos militares, chegando a alcançar o mais alto — o de Marechal.

Tomou parte em todas as campanhas, dentro e fora do país, desde as que se sucederam à proclamação da Independência, até a Guerra do Paraguai, demonstrando, sempre, o seu grande amor ao Brasil. Distinguiu-se na Guerra do Paraguai, onde, em muitos campos de batalha, fez tremular a bandeira vitoriosa do Brasil.

Na batalha de Tuiuti, (24 de maio de 1866) a maior de toda a guerra, Osório elevou seu nome aos pináculos da glória.

Osório sempre soube corresponder à confiança que a Pátria nele depositava e honrar os títulos e condecorações, recebidas, que marcam, cada um, um episódio da sua vida, e um serviço prestado à Pátria que tanto amava. Também, como político, Osório deu provas de amor ao Brasil, pelos serviços prestados. Foi senador, pelo Rio Grande, em 1877 e Ministro da Guerra em 1878.

A 4 de outubro de 1879, falecia, o grande General, perdendo, o Brasil, um dos seus filhos mais ilustres e mais destemidos. Toda a sua vida foi consagrada à causa nacional, quer nos campos de batalha, quer nos cargos públicos que ocupou.

Sempre pronto a atender aos chamados da Pátria, Osório foi um incansável batalhador em prol da dignidade e da soberania nacional. Espírito democrata, homem leal e cumpridor de seus deveres, é, o General Osório, um exemplo digno de ser imitado por todos os brasileiros, que querem ver, no Brasil, um país livre, forte e unido.

Noticiário Escolar

Conforme noticiamos no número passado, estudantes dos diversos colégios secundários da nossa cidade, entusiasmados pela cooperação e fraternidade colegiais, resolveram acentuar os laços culturais que os unem, criando uma nova entidade de caráter estudantil que os agrupe sob os mesmos ideais. Reuniões se sucederam, semanalmente, no Instituto de Educação de Florianópolis, no Instituto de Educação Coração de Jesus, e no Liceu Industrial. Nada mais alegre e confortador do que ver e escutar as reuniões realizadas por essa turma de jovens, moços e moças, que se agrupam sob a mesma divisa, para a conquista de um fim comum: Cogitou-se a reabilitação da União Estudantil Catarinense. Verificaram-se as possibilidades, e, de início, impossível se tornou a sua concretização. Por proposta feita em uma das reuniões, resolveu-se aprovar a criação de uma entidade, que agrupasse todas as agremiações de caráter cultural, que pertençam a colégios secundários. Sob o nome de Centro de Intercâmbio Cultural, irmanaram-se o Grêmio Cultural Professora Antonieta de Barros, Centro de Sociologia Tristão de Ataíde, Clube de Leitura Maria Desidéria e Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral. Cumpre acentuar a maneira elegante e cavalheirismo deste último.

Com um entusiasmo forte e promissor, foram discutidos, calorosamente, todos os artigos que compõem os estatutos do C. I. C. Tem êle a orientação de uma comissão, formada por presidentes e 1^{os} secretários das associações nele representadas.

Eis como, dedicada e inteligentemente, os estudantes de Florianópolis sabem levar avante os trabalhos, para alcançar os seus ideais.

Ao C. I. C., apresenta "O Idealista", os seus votos de crescente felicidade e trabalho frutificador.

Estudantes gaúcho — Dia 29 do mês passado, quando nos dirigíamos para uma aula de prática no Grupo Escolar Dias Velho, vimos que um grupo de moços se dirigia para o nosso lado. Esperamos que chegassem. Trocamos cumprimentos e apresentações. Eram componentes de uma embaixada universitária gaúcha, composta de 53 jovens atletas, que se dirigia para a capital da República, a fim de disputar as olimpíadas universitárias do ano de 1946. Por faltar carvão ao navio em que viajavam, foram obrigados a arrear ferros na baía norte do nosso porto. A bordo de uma lancha, chegaram até à nossa cidade, para uma breve visita. Depois de apresentados à Prof. Julieta Torres, diretora do Grupo Escolar Dias Velho e à professora Maria Madalena de Moura Ferro, lente da cadeira de Metodologia no I. E. F., visitaram eles o estabelecimento onde nos encontrávamos, visita essa que entusiasmos, de modo visível, os colegas gaúchos, o que se pode verificar, lendo o termo de visita que escreveram num dos livros do Grupo Escolar Dias Velho. Na mesma ocasião, foram apresentados ao sr. Cap. Américo da Silveira Dávila, inspetor de Educação Física em nosso Estado. Depois de uma breve visita ao Instituto de Educação onde estiveram ligeira palestra com a Diretora e Lentes daquele educandário de Florianópolis, tendo à frente o Cap. Américo, fomos, três alunos do Instituto e quatro universitários gaúchos, em dois automóveis, ao Grupo Escolar Getúlio Vargas, no vizinho distrito de Saco dos Limões. Novo entusiasmo apoderou-se dos colegas do sul, já pela administração daquele estabelecimento de ensino primário, como pela construção do edifício. Palavras de elogio, ouvimos, de minuto a minuto, das bocas dos visitantes.

De regresso à cidade, em um dos cafés, tomamos refresco, quando fizeram as suas despedidas, com promessa de estabelecerem um intercâmbio cultural, entre nós, catarinenses, e eles, gaúchos.

Correspondência — Das colegas tubaronenses, alunas do Colégio São José, recebemos nova correspondência. Como da outra vez, pode-se notar, através das suas palavras, o grande entusiasmo com que têm recebido as nossas letras.

Dos colegas do Instituto de Educação de Lajes recebemos um ofício, trazendo-nos as notícias mais animadoras que poderíamos esperar. Ali, o Centro Sociológico Fernando de Azevedo e a Associação Esportiva do Instituto de Educação de Lajes estão pondo em prática todas as medidas possíveis, para desenvolver a cultura dos seus associados. Dia 13 passado, o C. S. F. A. fez promover uma festa interna, comemorando a libertação dos escravos. Aos entusiasmados colegas do I. E. L., o G. C. P. A. B., deste estabelecimento, estende os seus cumprimentos e votos de progresso constante.

Comunicaram-nos do Clube Cultural Ordem e Progresso, desta cidade, a eleição e posse da sua nova diretoria, para o ano de 1946. Ficou assim constituída:

Presidente: Wanio José de Matos.

Vice-dito: Hiedy A. Correia.

Secretário Geral: Ademar A. Madeira.

1^o Secretário: Fúlvio Santos.
2^o dito: Maria Perpétua Oliveira.
1^o Tesoureiro: Salim Miguel.
2^o dito: Nézio Pereira.

Conselho Fiscal: Ari Coutinho Azevedo, Mário Bastos, José Augusto da Silva.

Parabens aos novos diretores e felicidade nos seus trabalhos são os votos do G. C. P. A. B.

GRÊMIO ESTUDANTIL CATARINENSE

Para os anos de 1946-47 foi eleita e empossada a seguinte diretoria: Presidente: Sylvio Ney Soinini; vice-presidente: Srta. Lori Mund Ballod; 1^o secretário: Edú Machado; 2^o secretário: Srta. Selma Jone de Castro; 1^o tesoureiro: Mário Artur Ferraresi; 2^o tesoureiro: Srta. Maria de Lourdes Damerai; 1^o orador: Dalmo Mastos; 2^o orador: Geraldo Gama Salles. Diretor de Propaganda: Aey Cabral Teive.

Agradecemos a comunicação, e, penhoradamente, fazemos votos de um futuro brilhante.

CONFERENCIA

No Salão Nobre do Instituto de Educação de Florianópolis, dia 8 dia da Vitória, às 20 horas, o Grêmio Estudantil Catarinense promoveu uma solenidade de caráter cultural, visando a vitória dos aliados, na última guerra. O programa foi assim desenvolvido:

1^o — Canção do expedicionário — pela srta. Nereida Carvalho, ao piano.

2^o — "O Brasil canta, reza, triunfa". Poesia, declamada pela srta. Maria de Lourdes Silveira.

3^o — "O dia da Vitória" conferência pelo Prof. Dr. Othon Gama D'Eça.

A reunião teve a duração de 45 minutos, dos quais, trinta foram preenchidos pelo conferenciador. Encontravam-se no local da conferência, estudantes de todos os colégios da capital e autoridades.

Presidiu a reunião o Exmo. Dr. Interventor Federal.

AULA PROVEITOSA

Carlos Valentim Silva

Em fins de março, um aluno de minha classe, pediu ao Professor Miancio, explicações sobre o Radar. Bondosamente, para melhor explicar, o nosso ilustre Professor conuiu-nos ao Gabinete de Ciências, onde assistimos à projeção de várias fotografias referentes ao Radar.

Explicou-nos o Professor que o Radar é a abreviatura da frase inglesa: "Radio detection and ranging", que quer dizer: "Detecção aos raios que caminham".

O Radar como nos disse o Professor, foi muito usado na guerra. Os aviões e os navios usavam-no para captar os sons, isto é, para ver a aproximação de aviões ou submarinos inimigos.

Os aviões utilizavam uma modalidade do Radar, chamada Noran, e os navios outra modalidade chamada Sonar, sendo que esta última utiliza os ultra-sons, baseada no aparelho piezometro de Curie.

Por meio do Noran, os aviões podem medir a distância em que se acham do solo, ver a aproximação de aviões, a distância que os separa, etc.

Pelo Lonar, os navios podem ver a aproximação de submarinos, a distância onde estão, a velocidade que desenvolvem, o que se acha no fundo do mar, etc.

O Radar é baseado nas ondas sonoras que, encontrando um obstáculo, retornam ao meio de onde provieram.

Graças a esta modalidade do Radar, não há mais distâncias incomensuráveis.

O Radar já foi utilizado para medir a distância daqui à lua.

Desenvolvendo uma velocidade de 298.000 quilômetros por segundo, a onda do Radar levou 2 1/2 segundos para ir à lua e voltar.

No futuro, a astronomia, com o Radar e a energia atômica, fará grandes progressos, se os homens se preocuparem mais com as ciências do que com as guerras, que só servem para prejudicar a humanidade.

O analfabetismo no Brasil

Carlos Valentim Filho

O estudo é indispensável em nossos dias. Sem êle o homem vive no mais completo obscuratismo, sem ter conhecimento do mundo, deste mundo de misérias e tristezas, alegrias e prazeres.

Podemos dizer que o analfabeto é cego. Sim, cego, porque não sabe. Desconhece o valor dos livros. Não faz a menor idéia do que sejam as ciências, hoje tão desenvolvidas em toda a humanidade.

Para que um país progrida é preciso, que o seu povo seja instruído, que seja muito reduzido o número de analfabetos.

Infelizmente, ainda é grande o número de pessoas em nossa Terra que ouvem falar em Brasil, mas não conhecem as suas grandezas, desconhecem, completamente suas riquezas. Chegam mesmo a pensar que Brasil é a sua pobre aldeia, onde nasceram e vivem na mais completa ignorância.

O Brasil progride, porém, o seu progresso é vagaroso, podemos mesmo dizer que só há progresso nas capitais e cidades, mais ou menos grandes. Isto é devido ao grande número de analfabetos.

Para que o nosso País progride e marche ao lado das grandes potências progressistas, é necessário instruir o nosso povo, sobretudo, o trabalhador campestre, porque é, geralmente, no interior, que predomina o número de analfabetos, em virtude da falta de escolas.

É grande o número de escolas em nossa Terra, porém, não chega para atender às necessidades.

Não só as crianças, como também os adultos, precisam aprender a ler e escrever.

Torna-se, por isso, indispensável, a abertura de escolas primárias diurnas e noturnas.

Ao lado do ensino primário está o secundário. Não o podemos esquecer porque é dele que se formam os professores, que levam a luz do saber a quem não a tem.

Provavelmente, quasi todos os alunos deste estabelecimento serão professores, por isso devemos estudar, muito, para quando completarmos os nossos estudos, não ignorarmos nada de que precisem saber o nossos futuros alunos.

Estudem, pois, colegas! Tenhamos amor ao estudo, porque, só assim, poderemos fundar com o analfabetismo em nossa Pátria e, ao mesmo tempo, trabalhamos para o progresso do nosso querido Brasil.

Uma olhadela... ao norte do Estado de Santa Catarina

Yeda.

Partindo-se de nossa querida capital, Florianópolis, a primeira cidade que deparamos é Tijucas. Costuma-se dizer, deste recanto, que é formado de uma rua, apenas. Dá-se o seguinte: antes de se chegar, propriamente, à cidade, atravessa-se a ponte sobre o profundíssimo rio Tijucas. Começa, então, uma das mais compridas ruas de nosso Estado. Aqui e acolá, estão encravadas as casas, destacando-se não só os antiguíssimos estúios coloniais, mas, também, grande número de residências, particulares e edifícios públicos, modernos. Num alargamento desta mesma rua principal, está situada uma praça muito bonita e cuidada. É a rua contínua... Mas temos outras ruas transversais. Por exemplo, as que convergem para a praça da igreja. Aí nesta zona, é que se realiza o comércio forte. Tijucas é boa exportadora. Sua situação geográfica é ótima. Tijucas conta com Grupo Escolar, Colégio das Irmãs da Divina Providência, Juizado, Clube social e hotel. Não possui cinema. Os problemas políticos são levados muito a sério, em Tijucas. De lá, saem grandes inteligências.

Em Porto Belo, estão situadas bonitas praias, pertencentes, ainda, a Tijucas.

Depois de Tijucas temos Camboriú. Lugar formado por uma meia dúzia de ruas, uma praça grande, onde estão construindo uma igreja. Em Camboriú ainda não inauguraram cinema. Conta, no entanto, com clubes: social e esportivo. Possui já muitas residências modernas. O ensino primário é ministrado pelo grupo escolar.

Próximo a Camboriú temos a praia de Cabeçadas. Muito lindo, tudo que existe lá; casas maravilhosas enfeitam o cenário praiano.

Itajaí é considerado um dos lugares mais desenvolvidos do nosso Estado. É verdade, nota-se esta particularidade, logo que se chega, seja de ônibus ou vapor. Possui um porto marítimo, com bastante atividade. O ponto central de Itajaí é a sua bonita praça. Muito florida. A igreja fica situada nela. A rua, de comércio mais forte é a que está situada em frente a esta praça. Nesta rua, encontram-se numerosos "Bars" muito chics, um bom cinema, fotos, enfim casas comerciais, na maioria. Conta Itajaí com outras, ainda, importantes ruas. Em Itajaí, está funcionando uma grande fábrica de papel. Itajaí tem um moderníssimo "Correio e Telegrafos". O prédio, em que está situada a Prefeitura, é muito bonito. As forças militares estão aquarteladas, em ótimo prédio. Conta apenas, com grupo escolar: curso preliminar e complementar e escola noturna e Instituto de Educação, em Itajaí, são excelentes. A cidade possui um mercado bem grande e farto. Itajaí tem uma cadeia, construída recentemente, e que possui todos requisitos modernos.

Não me conformo de Itajaí não possuir, pelo menos, um Ginásio. A maioria de internos dos Colégios de nosso Estado, vem de lá.

De Itajaí, vai-se a Brusque. Cidade bem traçada e muito agradável. A maioria da população de Brusque trabalha nas numerosas indústrias, causa do desenvolvimento daquela cidade. A fábrica mais conhecida é de propriedade de Carlos Renaux. Brusque conta com bons hotéis, cinema, praça, clube e grupo escolar.

Saindo-se de Itajaí para Blumenau passa-se, antes, por Gaspar. Lugar simpático. Em Gaspar está situado um grande Colégio. Estão construindo uma estrada de ferro que vai de Blumenau a Itajaí. Atualmente esta estrada ferroviária está nas alturas de Gaspar.

Blumenau é um recanto, cuja evolução tem sido muito satisfatória. Quando se vem de Itajaí, depara-se, primeiro, com "Centro de Saúde" grande, moderno. Mais adiante uma rua, transversal enfeitada de palmeiras majestosas, af está situada a Usina de Luz; continuando nesta rua, vai parar-se na Igreja e Hospital protestantes. Porém, continuando pela rua anterior, a da entrada da cidade, avistamos um lindo jardim e, em frente a êle, a Prefeitura, cuja construção é muito linda. Depois, atravessa-se uma ponte e damos entrada na rua principal da cidade. Nesta rua, faz-se o comércio forte.

Quase todas as construções são modernas, e as antigas não deixam de ser bonitas. Destacam-se os "Bancos", hotéis numerosos e excelentes, casas comerciais sortidíssimas, bar fantásticos, como o Tanger, Polar e outros, a igreja católica e o prédio maravilhoso que é o "Teatro Carlos Gomes". O

término desta rua vai dar numa praçinha, em frente da qual está situado um grupo escolar, e ao lado, a estação de Estrada de Ferro Santa Catarina. Mas, além destas ruas existem outras, com casas particulares lindíssimas, verdadeiros palacetes, cada qual com seus jardins mais cultivados e encantadores. Uma rua bonita, também, e a em que esta situado o moderníssimo e grande cinema, e o "Correio e Telegrafos". Seguindo por esta rua, temos parar no campo de futebol. Blumenau possui fábricas de indústria, as mais variadas, desde as de chocolate, brinquedos, ate as de artigos de malha, fazenda, e indústria de aço. Blumenau esta de parabéns quanto ao ensino. Possui dois grupos escolares, Colégio com jardim de infância e curso para meninas e moças, Ginásio para o sexo masculino. Blumenau possui os arrabaldes de Itou-pava, Velha, etc. Entre Blumenau e estes lugares existem linha de ônibus, a todo instante. Em Blumenau, esta destacado um batalhão militar.

Tomando-se o trem em Blumenau, para se ir a Ibirama (antiga Iramonia) passa-se por diversos lugares, cujo desenvolvimento e bem acentuado. Destaco Indaial, cujas produções são numerosas e boas como de excelente qualidade, não só em nosso Estado, mas, em outros também.

Ibirama é o termino deste ramal. Lá está situado um hospital grande e com todo conforto moderno e aparelhagem das melhores. O clima é ótimo e o lugar é bem agradável.

De Blumenau, vai-se a Joinville. Cidade grande. Impressiona bem com suas ruas largas, grandes, calçadas, seu movimento continuo, suas casas bonitas.

O que acho interessante lá, é o seguinte: geralmente o comércio principal é feito numa rua, provavelmente a mais importante; lá, não. Quer-se uma fazenda tal, procura-se numa casa comercial, lá não achando, caminham-se quadras e mais quadras, até encontrar-se outra loja em que haja a fazenda. No entanto, existe de tudo que se queira em Joinville.

Joinville conta com bons cinemas, hotéis, clubes, escolas diversas, desde vários grupos escolares até escolas de comércio, ginásio masculina, Colégio, e creche para os filhos dos empregados das fábricas.

Outra nota que nos chama a atenção em Joinville, é que a rua principal recebeu o nome de "Rua do Príncipe" e nesta zona, tudo é Príncipe: hotel, café, barbearia, bazar...

Bem, temos, ainda, S. Francisco. O que há de mais notável nesta cidade catarinense, é o seu porto. Porto de que comporta navio do mais alto calado, portanto, sendo possuidor de tão valioso requisito, torna-se excelente para o comércio marítimo.

Cidade antiga. Observa-se essa particularidade, olhando suas casas de estilo colonial, mas possui, também, numerosos prédios modernos, destacando-se a Prefeitura, Capitania de Portos, casas particulares e outras. Conta S. Francisco com uma praça, na qual está situada a igreja, passando atualmente, por uma grande transformação interna. O ensino primário é feito pelo grupo e Colégio pertencentes às Irmãs da Divina Providência. Como centro de diversão temos o cinema, clubes: social e esportivos.

São Francisco possui um excelente mercado, muito sortido. No comércio, encontram-se inúmeros produtos importados da Argentina. Mas, S. Francisco exporta bastante mantimentos, também.

Além da estrada rodoviária e ferroviária de Joinville a S. Francisco, partem de Joinville estas duas linhas, também para Jaraguá.

Jaraguá é cidade, que, neste dois últimos anos, melhorou muitíssimo. As ruas são possuidoras de bonitas casas. Conta Jaraguá como centro de diversão: clubes, cinema. O ensino é ministrado pelos grupos escolares.

Jaraguá possui a meu ver, a estação mais bonita de nosso Estado. Construção recente, confortável e grande. Em frente a ela, está situada uma praça que é um verdadeiro encanto. Sim, muito cuidada, esta praça oferece o mais espetacular cenário com suas variadas e lindas rosas que extasiaram os olhos e deliciaram o olfato.

Bem, leitor camarada, desculpe-me não ter dado outro tópico ao meu artigo; isto porque sabe, cada um tem sua maneira de encarar as coisas... tenho olhos pequenos, mas enxergo demais...

Notas Sociais

MES DE MAIO

Viu passar, no dia 3, o seu aniversário natalício, o nosso colega José Ernesto Ballstaidt, aplicado aluno do 1º Ano Normal.

Ao José, que faz parte da Comissão de Festas, as sinceras felicitações de "O Idealista".

Transcorreu dia 5, a data natalícia do colega Sidnei Santiago que cursa, com brilho, o 1º Ano Normal.

Elemento esforçado da Banda de Clarins e da Comissão de esportes, Sidnei recebeu muitas felicitações de seus colegas. "O Idealista", apresenta sinceros parabéns.

Aniversariou-se no dia 6 a jovem Irací Braga, que cursa com destaque o 3º Ano A.

"O Idealista" cumprimenta-a, desejando-lhe um milhão de felicidades.

Deflui, no dia 7, mais uma primavera da aplicada aluna Noemi Silveira do Curso Fundamental.

Embora tardiamente, enviamos os nossos parabéns.

Dia 7, sob alegrias e risos das colegas que a rodeiam, a jovem talentosa, Lígia Oliveira, do 1º Ano Normal, passou o seu aniversário natalício. Por tão auspiciosa data, Lígia foi muito cumprimentada. Um futuro risonho e feliz, eis os nossos votos.

A aluna Delorme Aranha, do 1º Ano A, teve o seu aniversário natalício no dia 8. Delorme recebeu muitas felicitações dos seus colegas. "O Idealista" cumprimenta-a, almejando-lhe um futuro radiante.

Completo dia 8, mais um ano de sua existência, a estudiosa aluna Valdete Rosa do 2º Ano A, que por isso foi muito felicitada.

Viu passar, dia 9, mais um aniversário natalício, a inteligente

do 1º Ano A. Felicitações de "O Idealista".

Dia 16, foi de grande júbilo para o aluno Nildo Sell, que cursa, com brilho, o 5º Ano F, pois que, nesta data, viu passar mais um seu aniversário. Ao colega, os nossos sinceros votos de que tenha um futuro feliz, e que veja coroado de êxito os seus empreendimentos.

Festou seu natalício a 18, a gentil srta. Onézia Furtado, aplicada aluna do 3º Ano A. Parabéns de "O Idealista".

Transcorreu, a 1º, a data de ouro do jovem Valdir Lindolfo Souto, que cursa com distinção o 1º Ano A. Sinceras felicitações de "O Idealista".

Ainda a 23, festejou seu natalício o colega Gentil Fernandes, aluno do 5º Ano F. Associando-se aos colegas, "O Idealista" o cumprimenta, desejando-lhe mil venturas.

Viu passar, a 24, mais um ano de sua radiosa existência, a srta.



Nilza Althoff, aluna do 5º Ano F. "O Idealista" a cumprimenta, desejando-lhe um feliz futuro.

Ainda a 11, transcorreu a data natalícia da gentil e muito estudiosa srta. Terezinha de Jesus Lamego, aluna do 1º Ano Normal, onde conta com largo círculo de amizade. Aqui, ficam os sinceros amplexos de felicidade, deixados pelo "O Idealista".

Transcorreu, a 1º, o aniversário do jovem João Ramos Júnior aplicado aluno do 3º Ano B. Sinceras felicitações de "O Idealista".

Viu passar, a 12, seu aniversário natalício, o jovem Rumilo Daminielli, aluno do 3º Ano B, e esforçado membro da Fanfarra. Ao distinto aniversariante nossas felicitações.

Festou, no dia 13, seu aniversário, o jovem Helcio de Assis Corrêa, aplicado aluno do 2º Ano B. Ao colega, as sinceras felicitações de "O Idealista".

Foi muito felicitada a 14, a gentil srta. Angelina Pizani, distinta aluna do 2º Ano C. Parabéns de "O Idealista".

Transcorreu, a 15, o aniversário natalício, do colega, Luiz Carlos Platt, aplicado aluno do 2º Ano C. Parabéns de "O Idealista".

Deflui a 18, o aniversário do jovem João Jamis, aluno do 1º Ano B.

Ao João, os cumprimentos sinceros de "O Idealista".

Transcorreu, a 22, o aniversário natalício, da preñada srta. Lerita Vieira, aluna do 1º Ano B.

A Lerita, o abraço afetoso de "O Idealista".

Transcorreu, a 23, o aniversário do colega Hercílio Bittencourt, aluno do 3º Ano B.

Ao Hercílio as felicitações de "O Idealista".

Deflui, a 26, o aniversário da gentil srta. Maria das Dores, aplicada e distinta aluna do 1º Ano B. A Maria das Dores, "O Idealista", envia os parabéns.

Viu passar, a 30, sua data áurea, a gentil e graciosa srta. Maura Coelho, que cursa com brilhantismo, o 2º Ano B. "O Idealista", a cumprimenta, desejando-lhe mil venturas.

Transcorreu, a 25, o aniversário da aplicada aluna Dolari Oliveira, que cursa o 3º Ano A. As felicitações de "O Idealista".

Festou, a 29, seu aniversário natalício, a gentil e preñada srta. Nely Stuart, aplicada aluna do 3º Ano A. "O Idealista" deseja-lhe mil felicidades.

O dia 15 assinalou mais uma passagem natalícia, do sócio honorário do G. C. P. A. B., Carlos Costa, que por nós é grandemente felicitado.

MES DE JUNHO

Festou dia 1º, seu aniversário natalício, o jovem Neri Rosa, sócio honorário do Grêmio Cultural Professora "Antonietta de Barros", e figura de destaque nos meios culturais.

Ao Neri, nossas felicitações.

Viu passar, a 3, sua data natalícia o sr. Aldo Nunes, nosso digno professor de Desenho.

Ao professor Aldo, as felicitações de "O Idealista".

Aniversariou-se dia 4, a srta. Célia Buchi, que cursa com brilhantismo, o 1º Ano Normal.

Por tão auspiciosa data, Célia receberá muitas felicitações, inclusive, as do "O Idealista".

Dia 5, completou mais um ano de sua existência, o jovem Hélio Ballstaedt, sócio honorário deste Grêmio. Ao Hélio, parabéns de "O Idealista".

Por intermédio deste jornal, a senhorita Véra Vieira, impossibilitada de fazê-lo, pessoalmente, vem se despedir de seus colegas. A senhorita Véra que era um dos componentes da Comissão de Festas do G. C. P. A. B., vai empreender viagem ao Rio de Janeiro, onde fixará residência.

A ela, nossos votos de felicidades.

O dia 6, foi de alegria, para a graciosa srta. Maria da Graça Tonelli, por ser o dia de seu aniversário natalício. Maria da Graça cursa com brilhantismo o 2º Ano Normal, e foi muito felicitada.

Embora tardiamente, "O Idealista", deseja-lhe mil felicidades.

Transcorreu no dia 9, o aniversário do colega José Fernandes, aluno do 3º Ano B. Felicitações de "O Idealista".

Ainda a 9, viu passar seu natalício, o jovem Osni Nunes, aplicado aluno do 2º Ano C. Parabéns de "O Idealista".

Deflui a 9, a data natalícia do luno, Nacif Jorge Abi Japur, que cursa o 2º Ano C.

Mil felicidades, deseja-lhe "O Idealista".

Transcorreu, a 11, o aniversário da srta. Delorme Werner, aplicada aluna do 2º Ano A.

A Delorme, nossas felicitações.

A aluna Juracy Nunes, do 5º Ano, viu passar no dia 12, seu aniversário natalício.

Por este motivo, Juracy, foi muito felicitada.

Reminiscência

O. M. FILHO

**Ninguém há, que no mês de junho,
Não sinta saudosa lembrança
Das lindas festas joaninas,
Nos idos tempos de criança,
Cuja doce recordação,
Parece que nunca nos cança.**

**Pouca vez, em nós, a alegria
Se externou com mais expressão,
Que em nossas faces de criança,
Quando soltavamos um balão,
Que ia misturar-se as estrêlas,
Como se fôsse, delas, irmão.**

**Mas, hoje, daquelas fogueiras,
Algo inda me resta — é verdade —
Eu tenho, cheio, o coração,
Das cinzas quentes da saudade,
Que nunca me serão levadas,
Pêla mais forte tempestade.**

TRÊS DE MAIO

É a Pedro Alvares Cabral que cabe a grande glória de ser o progenitor da nossa terra, o que primeiro pisou nas praias virgens e esbranquiçadas do nosso brasileiro Torrão.

Quantas vezes não sonhara êle com as terras ainda incógnitas do outro mundo, e, ao ver realizado

seu sonho, como não se lhe encheu a imaginação de mil coisas, de cenas maravilhosas, de impressões do mundo que descobrira!

Cabral deixou a terra lusitana e partiu.

Atravessou mares imensos deixou para traz, todos os vestígios da terra e, noites e dias a fio, só via água, e a sua caravela deslizava pela superfície azulada do oceano e, dentro de alguns dias, Cabral navegava por águas da terra que iria descobrir.

O navegador era todo esperanças. Diante da turba de marinheiros que se exasperava pelo julgamento, insucesso, não esmoreceu — perseverou.

Ele, perseverando, prosseguiu na sua jornada.

Ele, eis que, de repente, ramos e indícios de terra apareceram na azulada massa de água brasileira e Cabral encheu-se de alegria; e para receber o louro que coroou a sua perseverança continuou.

Ele, ao longe, viu o conquistador dos mares, o futuro do Brasil.

É a Cabral que o povo do Brasil deve o nome ilustre de brasileiro.

É a êle que este povo agradece a magestosa herança que é muito nossa.

A nossa terra é grande, a nossa terra é rica.

Devemô-la a Cabral que a nós a trouxe, em eras remotas e que, evoluindo, tornou-se o incomparável Brasil de hoje, o Brasil do povo brasileiro!

O Brasil que continuará a triunfar sempre) a terra de Sta. Cruz, que perseverará, sempre, no bem e na glória, como Cabral se perseverou, até torná-la conhecida ao mundo já conhecido.

Juanita Bonsfield Cláudio

O sol e as plantas

Os raios solares, que naquêles terríveis dias de verão, tudo queimavam, não deixaram de exercer a sua influência, sobre as indefesas plantas. A terra já estava seca, e dura, pela constante ação dos raios solares, e pela evaporação da água, que nela existia.

A mata, de verde que era, passou a ser um terreno coberto de folhas secas.

As plantas, já, não podiam mais elaborar a sua seiva nutritiva pela falta do precioso líquido. As mais fracas vão definhando, pouco a pouco e, acabam por morrer, pois, não podem suportar, tão terrível tormento. As mais fortes sobrevivem à ação dos raios solares, e, ficam a mercê de Deus, à espera de que chova, para elas saciarem a sua sede. E, assim, passam-se dias e mais dias sem cair do céu, uma gota de água. Chega, porém, um novo dia, e, eis que surgem no horizonte densas nuvens negras anunciando chuva. E, quando menos elas esperam cair sobre a terra o precioso líquido, que, deslizando pela superfície se entranha no solo, e vai depositar-se nos lençóis subterrâneos. Amanhece o dia, o céu colorido de um azul claro, é sinal de um esplêndido dia de verão.

Uma leve brisa sopra no nordeste, fazendo com que as plantas, balancem as suas folhas, como que agradecendo a Deus, aquela valiosa dádiva.

Carlos Adolfo Blumemberg